O homem e o destino

MARIA DO CARMO T. DE MIRANDA

Procurei apresentar a importância e urgência da indagação da verdade do homem, e do homem que somos, ser-brasileiro, sem que nos deixemos deslumbrar pelos humanismos que hoje se tornaram epítetos como que obrigatórios, porque estão na moda, de todo discurso sobre o homem, e tentaremos pôr em questão, ao menos, o humano do homem, para podermos falar sobre o homem.

E a época em que vivemos, apesar e por causa mesmo do progresso do poderio do homem pelas ciências e pelas técnicas, as conquistas cósmicas, mas, também, o arazoado das contes- tações que se ampliam quase indefinidamente dentro das insti- tuições sejam sociais, educacionais, políticas e religiosas, e a crescente subida de ideologias, como que nos faz dizer, ou con- sentir em ouvir falar que a época em que vivemos faz pericli- tar o humano, é época crítica do humano, e o nosso tempo é "tempo de partido, tempo de homens partidos", segundo a ex- pressão do poeta brasileiro de Itabira, Carlos Drummond de Andrade (1).

Em realidade empresta-se importância apenas aos planos técnicos e das ciências, aos planos sócio-econômicos, estatísti- cos, e políticos, enquanto o humano do homem, ou a verdade do homem, é posta entre parênteses, melhor fica aquém dos parênteses.

Para nós que exercemos a filosofia, cabe a pergunta: que é o homem, desde que nós mesmos homens, sujeitos humanos,

1) *Nosso Tempo* in "Antologia Poética", 3a. edição. Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1963, p. 118.

indagamos pelo homem por nós mesmos, enquanto somos existentes, e esta indagação é indagação metafísica porque buscamos questionar o ser homem, o *eu mesmo* que é, sujeito cognoscente em ato de conhecimento de seu próprio *eu*, enquanto objeto, o qual só pode ser inteligido desde que referido ao seu próprio ser-sujeito, e isto analogicamente e dialeticamente. Dizemos: analogicamente e dialeticamente porque é o eu sujeito que se indaga, pondo-se em oposição, ou melhor, em posição contrária, à de objeto, e também o *eu mesmo* que *sou em mim mesmo, sou igualmente para mim mesmo*. Isto diz a Antropologia Filosófica como estudo essencial e original do homem, objetivamente considerado pelo próprio homem, sujeito cognoscente.

Antropologia Filosófica não é apenas um conhecimento do homem, mas Metafísica do ser-homem, único capaz de questionar o Ser e único também capaz de “volver-se sobre si mesmo, pois se entende a si mesmo não só parcialmente, senão totalmente”, como diz Tomás de Aquino na *Suma Contra os Gentios*, III, 49, e porisso a análise da realidade humana é também analógica e dialética, porque é o estudo do *eu* que sente, que se emociona, que se vê dramaticamente existente, tendido entre vida e morte, distendido entre tempos e espaços, ser de ordenação temporal e de orientação histórica, e que busca penetrar em si mesmo procurando o sentido deste seu existir. E neste aprofundar-se em si mesmo transcende-se. O sujeito, homem que se indaga, interroga o por quê de seu ser, e o questiona metafisicamente como ser *entre* natureza e não-natureza, *entre* “bios” e “logos”, através de seus planos físico ou somático, fundamental ou inventivo, trans-natural ou sobrenatural. Interroga pelo seu ser de relacionamento com os seres, e inquirindo o que é Ser e o que são seres vê-se ser-no-mundo, ser de relação, ser de subjectividade e inter-subjectividade, em relação com outros eu e com o Outro Eu, no mundo, e nele mesmo, “homo totus”, ser de palavra e de gesto, de “razão e Mãos”, que são “o órgão dos órgãos”, já que por elas pode preparar variedade infinita de instrumentos em ordem a infinitos efeitos”, pois “era conveniente que a natureza racional que pode conceber um núme-

ro infinito de coisas, pudesse procurar para si mesmo instrumentos infinitos” (2).

E o homem indaga seu próprio ser e se interpreta, indaga e interpreta o mundo, instaura o mundo humano. Pergunta pelo seu devir, seu acontecer, seu destino.

Antropologia Filosófica é o estudo do encontro objetivo-reflexivo do homem consigo mesmo, que se por um lado não pode desprezar os conhecimentos sobre o homem que as ciências averiguaram, e que são importantes para o estudo do fenômeno humano, por outro é a ela que compete dizer da essência do homem e de sua presença no mundo, diversa especificamente dos demais seres. Ele, homem, é ser de história e de tempo, ser de destino.

Em nós ressoa o fragmento de Heráclito:

“O caráter do homem é seu destino”.

(frag. 119. Diels)

O homem não é um ente circunscrito por sua presença dentro de um espaço, em um mundo que é o seu lugar, rigorosamente, “hic et nunc”; mas é ser-no-mundo, expressão que sendo de Heidegger lembra a de Kant, homem como cidadão do mundo, e nos faz pensar na excelência do homem no universo, afirmada por Tomás de Aquino, por ser “criatura intelectual que contém as criaturas corporais não segundo a extensão da quantidade, mas simplesmente por um modo inteligível; pois o que é inteligido está no que entende, e é compreendido por sua operação intelectual” (3). E sua presença, embora limitada e finita, pois é de seu ser o limite e a finitude, é presença definitiva, específica de seu ser existente que se estende no tempo, se historializa, realiza sua presença e seu destino.

2) TOMÁS DE AQUINO, I q. 76, a. 5, ad 4; q. 91, a. 3, ad 2.

3) C. G. III, 46.

Desta presença, que é própria do ex-sistente, é preciso, também, — e nisto a Antropologia Filosófica sobrepõe-se às ciências por ser saber teórico e deve orientá-las, descobrir no homem as diversidades de caracteres, sejam as próprias virtualidades pessoais, sejam as decorrentes de distintas situações e condições.

Por esta razão Kant, em sua “Lógica”, afirma que o “domínio da filosofia em sentido cosmopolita concentra-se nas seguintes questões:

1. Que posso eu saber?
2. Que devo eu fazer?
3. Que me é permitido esperar?
4. Que é o homem?

À primeira questão responde a *metafísica*, à segunda, a *moral*, à terceira a *religião*, à quarta a *antropologia*. Porém essencialmente, poder-se-ia converter tudo à antropologia, porquanto as três primeiras questões referem-se à última. O filósofo deve, pois, determinar:

1. a fonte do saber humano,
2. a extensão do uso possível e útil de todo saber, e finalmente
3. os limites da razão”,

determinando inclusive o horizonte dos nossos conhecimentos, pois, “o horizonte diz respeito à avaliação e à determinação daquilo que o homem é capaz de saber, do que lhe é permitido saber, e do que é de seu *dever* saber. E considerando o horizonte do conhecimento do ponto de vista objetivo e subjetivo, distingue ainda deste último ponto de vista o “horizonte universal e absoluto”, e o “horizonte particular e condicionado (horizonte pessoal)”. “A determinação do horizonte pessoal depende de múltiplas condições empíricas e de considerações particulares, por exemplo, a idade, o sexo, a condição social, o modo de

vida e outras coisas deste gênero. Cada classe de homens tem seu horizonte próprio em relação com a particularidade de suas faculdades de conhecimento, de seus fins e de seus pontos de vista; cada indivíduo tem o seu segundo a medida da individualidade e suas faculdades, de seus pontos de vista” (4).

E Kant para fundamentar uma metafísica estabelece uma Antropologia Filosófica em três planos: *Antropologia Teórica*, do conhecimento da natureza e faculdades do homem, *Antropologia Pragmática*, da natureza do homem em relação com os fins e possibilidades de sua atuação, *Antropologia Moral*, do estudo da conduta do homem na vida.

Antropologia Filosófica é o estudo do ex-sistente, homem, que se historializa enquanto se cumpre a si mesmo, se realiza ser que pensa e age, — “homo sapiens, homo faber” —, que se relaciona e se encontra, que se renova ou recria a si próprio e o mundo, — “homo religiosus, homo cultor”.

Este historializar-se e cumprir-se a si mesmo é destinar-se, homem enquanto homem, enquanto cada um, *cada eu* é o *eu-mesmo*. E destino diz a contínua progressão e retorno do homem a ele mesmo, segundo o que ele é, segundo seu caráter, que é o seu “ethos”, seu habitar próprio, (nele mesmo), e a progressão e a regressão dizem o ritmo do ex-sistente. E o habitar do homem, seu ato de ser homem é o cumprir-se a si mesmo, seu destinar-se enquanto “bios” e “logos”, e porque “logos” deve pôr em ato a Forma de seu ser. E o caráter do ser homem, ex-sistente, diz necessidade e não-necessidade, determinismo e não-determinismo porque afirma finitude e indefinido.

A Antropologia Filosófica diz o ser homem, ser tenso, e o seu “logos” em “harmonia de forças contrárias” (5): natureza e não-natureza, finito e indefinido, ser que devem e que é, seu próprio movimento de vir-a-ser é posto como finalidade ao

4) “Logique”, trad. de Guillermit, Vrin, Paris, 1966, p. 44.

5) HERACLITO, frag. 51.

seu devir, o cumprir-se homem. E o acontecer homem realiza-se no encontro destes movimentos: "enérgueia" e "entelécheia". E este encontro é a experiência do homem, e é neste experimentar e discernir que a Antropologia Filosófica é Metafísica do homem.

Experimentar homem é apanhar o ato da pessoa, o seu todo no que é e no como é, seu habitual, seu exercitar homem, seu caráter como sua morada própria, na qual ele é, tem seu lugar, sua pátria e terra, da qual todo originar tem devir e crescimento. E de seu estruturar-se é que ele se dispõe doando-se.

E o caráter de cada homem indica-lhe o acontecer, imprimir-lhe sentido. É o destino, o qual diz o existente em continuidade de seu devir, do seu dispor-se estrutural doando-se; existente que essencialmente é possuído, e se determina, pelo "dáimon", que é "noum/nómos". Mas é destino enquanto é decisão do caráter do homem, que se exercita libertando-se, (pois nem é só determinação, nem só liberdade), de acordo com suas possibilidades, e examinando-as e decide-se pela verdade do seu ser, totalidade e unicidade do seu ser em vista a uma realização de seu dever-ser (6).

O fragmento de Heráclito cabe ser meditado.

E na meditação devemos consentir em chamarmos a atenção que as ciências ao estudarem o homem deveriam entender que "o caráter do homem é seu destino". Que a educação, a sociologia, a história, a política, a psiquiatria, para ficarmos apenas nessas ciências, procurem atender melhor ao caráter do homem para descobrir-lhe o destino, e que este não lhe seja um "fatum", e que as ciências não olham apenas a aparência, ilusão, do homem sem apresentarem a sua realidade fenomênica.

E se não podem ser dadas soluções ao problema humano, não sejam apresentadas apenas rimas, que a meu ver vêm sendo más, todas elas. E novamente o poeta mineiro:

6) Cfr. MARIA DO CARMO TAVARES DE MIRANDA, "Os Franciscanos e a Formação do Brasil" Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1969, pp. 169, 178.

"Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução". (7)

Compete à Filosofia apresentar o sentido de toda realidade, e prenunciá-la, como também é de necessidade uma Antropologia Teológica.

É para a nossa realidade brasileira, de um Brasil de diferentes regiões, riquezas e indigência, que com o fragmento de Heráclito pensamos o homem brasileiro na Antropologia Filosófica. ...

Creemos realmente ser essencial para nós uma reflexão filosófica e teológica, rigorosas, sobre o homem e seu destino, em situação específica nossa, respeitando a nossa originalidade e tradição, tendo memória das nossas raízes e premeditando o futuro, segundo nossas possibilidades e nosso dever-ser (8).

Não que a Antropologia Filosófica seja a soma do que foi definido pelas ciências, mas porque é Filosofia metafísica do homem busca dizer o modo do ser do homem e seu estatuto ontológico, sem perder a realidade do homem encarnado, em tensão entre os diversos planos de seu ser uno.

E a Filosofia não pode ficar alheia à realidade do ser que somos, como somos e tais quais somos. E embora o homem seja o mesmo, cada homem é diferente. E nem seria de atitudes negativas, do regeitarmos os temas filosóficos pensados em terras estrangeiras, nem do mero copiá-las, tão pouco, que teremos o nosso pensamento servindo ao homem ser-brasileiro, pois novamente com Carlos Drummond de Andrade dizemos:

"e cada folha é uma diferente.

E cada instante é diferente, e cada

homem é diferente, e somos todos iguais" (9).

7) "Poema de Sete Faces", *ibid.* p. 10.

8) MARIA DO CARMO TAVARES DE MIRANDA, "Fé Hoje?", Recife, 1966, p. 53.

9) "Os últimos dias", *ibid.*, p. 30.

A cada um, homem ou povo, há uma memória-tradição que exige uma invenção-profecia, própria e adequada, que possa de caráter de cada um, homem ou povo, nação, fazer seu destino específico, seu decidir-se. E há situações diversas em cada memória-tradição nacional que foram legadas a cada homem ou povo, e que exigem uma invenção-profecia, a qual se instaura rutura, não instaura descontinuidade, pois a rutura é apenas ao que for empecilho à criação do homem nacional, e deve atender à memória-tradição que diz a Forma do seu ser, no nosso caso, a Forma do ser-brasileiro, para reinstaurá-lo, recriá-lo em seu próprio ser que devém.

Não é da Metafísica o pairar nas nuvens, e a Metafísica do Homem, Antropologia Filosófica, deve encarar o homem concreto, encarnado, "unidade de sua alma, sua carne, seus ossos", como diz Tomás de Aquino (I q. 75, a. 4, c), homem em situação, que existe com suas qualidades essenciais, que pensa, que quer, que ama, sente, age, que se relaciona consigo mesmo e com o que o rodeia, e é enquanto ser-no-mundo o que "decide fazer a história, sua história e não apenas ser simplesmente uma vida", conforme a compreensão de Binswanger (10), à qual podemos acrescentar as palavras de João Cabral de Melo Neto:

uma "vida severina
(aquela vida que é menos
vívida que defendida

.....)" (11).

Mas mesmo assim, e reconhecendo a importância da linguagem na referência ao Ser, manifestando-o em sua concretude, e continuando com o poeta do Recife:

10) ROBERT MISRAHI, "Le Rêve et l'Existence selon M. Binswanger", in "Revue de Métaphysique et de Morale", 1959, n.º 1, p. 99.

(11) "Morte e Vida Severina", 3a. ed., Editora Sabiá, Rio de Janeiro, p. 82.

"É difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, respondeu
com sua presença viva;
e não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;

.....
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina". (12),

pergunto:

— que será o "responder com sua presença viva", senão o caráter do homem?

— e "desfiando o fio", o tecer o destino?

— e "ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica", não dirá o fazer história?

— e o "vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida", não diz o desafio de tudo que rodeia o homem, mas que este decide e é capaz de nova criação?

Também para o homem "nascer já é caminhar" (13), e seu caminho é o exercício do homem a tornar-se homem, é a experiência do seu devir, pois,

12) *Ibid.*, pp. 115-116.

13) "O Rio", *Idem, Ibid.*, p. 119.

“Nem existir é mais que um exercício de pesquisar de vida um vago indício,

a provar a nós mesmos que, vivendo, estamos para doer, estamos doendo.

.....

dor do espaço e do caos e das esferas, do tempo que há de vir, das velhas eras”! (14)

E sempre se coloque diante de nós a questão do homem que somos, nosso caráter e nosso destino; questão do que haveremos de ser segundo o que temos sido, invenção-profecia que não anule a memória-tradição nossa.

E a partir desta reflexão a Metafísica sobre o homem, ser-brasileiro, seja centro de estudos e de pesquisas da Antropologia Filosófica, ajudada por conhecimentos definidos por outras ciências e inclusive pela Teologia, como aliás tentamos nós fazer, com certa anterioridade, pelo menos, no Norte e Nordeste do Brasil, quando conseguimos que dentro da Metafísica, na Universidade Federal de Pernambuco, e portanto como questão metafísica, se estabelecesse o estudo ontológico da realidade humana, ajudados por quem, conhecedor de ciência, pudesse dar o material necessário para uma análise do ex-sistente, homem, ser histórico e tempóreo, e com isto já tentamos iniciar o estudo do homem ser-brasileiro.

E nem minimizamos o trabalho pelo qual o homem formando-se homem modifica o mundo, seu mundo, integrando e fecundando o passado-presente em função do futuro, nem também o trabalho laborioso de todas as considerações sobre o homem, como dizia corretamente Heráclito para os homens de seu tempo e de todos os tempos:

“Não encontrarás os limites da alma, qualquer que seja a direção de teu caminho, tão profundo é o seu logos”.

(frag. 45)

14) CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, “Relógio do Rosário”, *ibid.*, pp. 218, 219.

Paixão e morte de Oswaldo Cruz

WALDEMAR DE OLIVEIRA

A vida e a obra de Oswaldo Cruz só podem ser compreendidas e só devem ser avaliadas se se considerar a época em que se afirmaram. De outro modo, impossível configurar a grandeza da tela. A moldura é o Rio de Janeiro dos começos do século e são os seus homens, à frente Rodrigues Alves que, do Império, trazia à República, em porções iguais, experiência e patriotismo. Deu-se conta, logo, do que era a capital do seu país, tão bem descrita por Luiz Edmundo: “Pela aurora do século, conservava a sordidez e o mofo dos velhos tempos coloniais, quando o progresso rondava à entrada da barra, mas não entrava, tempos da casa feia e sem conforto, da rua estreita e não arborizada. Vivia o povo esperando o carnaval, os balões e as fogueiras de Santo Antônio e de São João, enquanto a bubônica, a amarela e outras epidemias dão trágicos festins pela cidade. Obituário em ascensão. Procissões pelas ruas”.

Em sua zona central, o Rio é um amontoado de pardieiros erguidos entre vielas e becos, empinados sobre outeiros e morros, labirinto oriental em que cada casa, atravancada de gente, é valhacouto de ratos e viveiro de mosquitos. O povo, porém, ainda não relacionara rato a peste, mosquito e febre amarela, promiscuidade a varíola. Nem percebe, em pleno centro urbano, a má vizinhança dos estábulos, a sordidez dos quiosques e o perigo do lixo, onde se banqueteam, a céu aberto, as ratazanas. Por conta de tal situação, que entretém endemicamente a triade terrível, os navios de carga escasseiam, na baía da Guanabara; os de passageiros, vindos do exterior, passam ao largo, condição antecipadamente assegurada pelas companhias de navegação; a imigração se restringe, o crédito do país se abala, o crescimento demográfico se faz lentamente, por serem os jovens os mais atingidos; e raros estrangeiros (de 1897 a 1906, 4.000 deles morreram de febre amarela) resistem, obedientes à reco-